

Conheça o acervo da Fundação: no CAHM

No Centro de Artes Homero Massena (Edif. das Fundações, Cidade Alta) você pode conhecer parte do eclético acervo da Fundação Cultural, que está exposto. São obras de vários artistas brasileiros, inclusive de capixabas como Nice, Majuyo, Hilal e outros.

A TRIBUNA

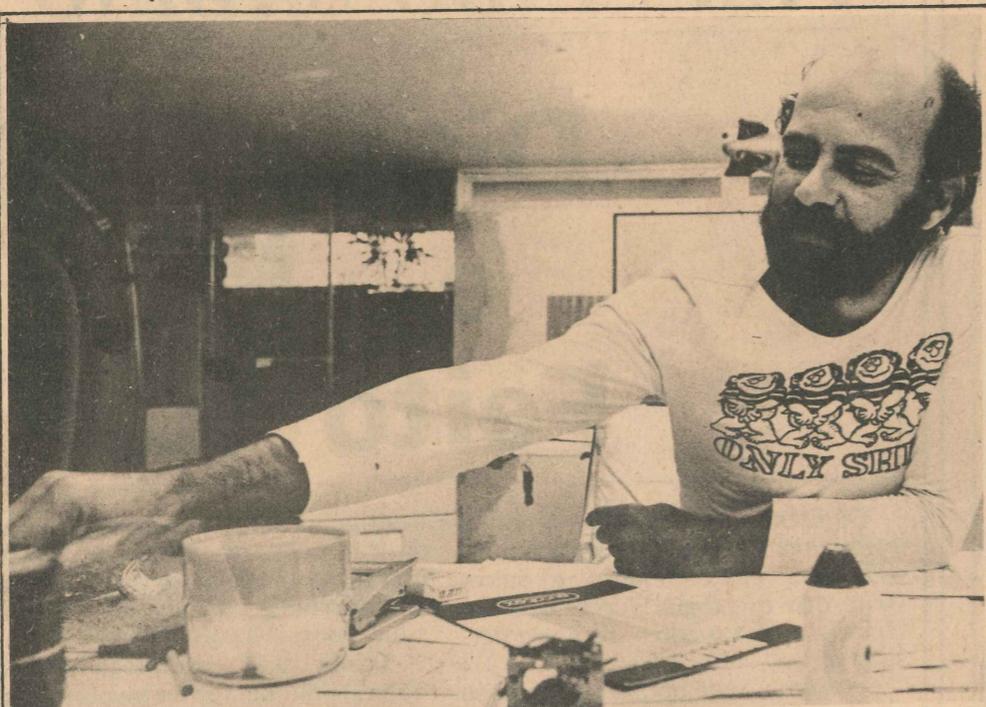
2º Caderno
Não pode ser vendido separadamente

Vitória,
domingo, 30 de julho de 1978

Um Lp bem cuidado: nas lojas

Com o selo Warner, foi lançado em Vitória um dos melhores discos de música pop deste ano: "Rhythm and Poetry", do compositor, baterista e pianista americano Charles Wrihgt. O disco é uma mistura muito harmônica de rock com o blue, assim como de jazz.

Um plano para a humanização da capital. (Que interessa à população e ao Governo)



César Romano
defende a divisão da capital
em núcleos funcionais.

A situação caótica com que convive e sobrevive o capixaba que reside ou trabalha no centro da Grande Vitória é conhecida de todos. Assim como o fato de que a conclusão das obras da Segunda Ponte não será capaz de trazer benefícios mais espetaculares, mas simplesmente um escoamento mais rápido dos veículos na hora do "rush". Como podemos contribuir para humanização do centro urbano de uma capital cujo crescimento previsto para as próximas décadas é incompatível com a atual infra-estrutura de serviços? Como superar a crise e garantir espaço para lazer? Como ganhar as ruas para o pedestre e forçar os automóveis a ocuparem áreas da periferia do centro nervoso da capital do Estado? Há urgente necessidade de uma planificação detalhada e arrojada que, antes de qualquer outra coisa, considere o homem. É necessário que se proíba o tráfego de coletivos no perímetro urbano central, que se promova a sistematização do trânsito de veículos particulares e de carga de acor-

do com seu "núcleo funcional". Segundo o arquiteto e urbanista César Tanure Romano, ex-diretor do Detran, é exatamente sobre a divisão da cidade em núcleos funcionais que se deve deter a atenção dos administradores e da população: no plano que hoje divulgamos, defende-se a constituição de núcleos funcionais relativos às atividades tradicionais exercidas nas diferentes áreas de serviço e lazer, fato que, além de diminuir o congestionamento, trará indiscutivelmente maior segurança ao homem, além de maior aproximação entre os habitantes e trabalhadores das diferentes zonas da cidade. César Romano explicou em detalhes seu plano para urbanização de Vitória ao repórter Paulo De Paula. A equipe do Segundo Caderno examinou seu trabalho, que pode tornar-se viável desde que conte com o apoio governamental, uma vez que não é dispendioso. A discussão está aberta. Espera-se que frutifique. As fotos são de Josemar Secreta.

César Tanure Romano é arquiteto, jovem, idealista. Formado pela Universidade Mackenzie em 1966,

César menciona como o ápice de seu envolvimento profissional, sua chefia no Detran, por envolver-se "em problemas coletivos". Sua preocupação com problemas coletivos resultou em detalhado plano para um salvaguardamento do centro da Grande Vitória, um plano urbanístico para a preservação do nosso patrimônio cultural, histórico, paisagístico, artístico e arqueológico. Sobretudo, para a humanização da nossa Zona Urbana.

tre as duas terminais. O movimento de viaturas particulares, limitado, dentro das áreas de sua funcionalidade.

CR — Isto nos dará uma área de segurança para pedestres, onde se poderia deixar uma criança, digamos, na Ladeira São Bento, e ela seguir, nessa área para pedestres, tranquilamente, até a Vila Rubim.

AT — É um plano assim, que não exige dispêndios?

CR — É. É um plano sem fiador...

AT — Você conta com o apoio do Governo?

CR — Só agora estou mostrando este trabalho. Ainda está em primeira mão.

O Instituto dos Arquitetos do Brasil — ES (IAB) este ano fará uma ex-

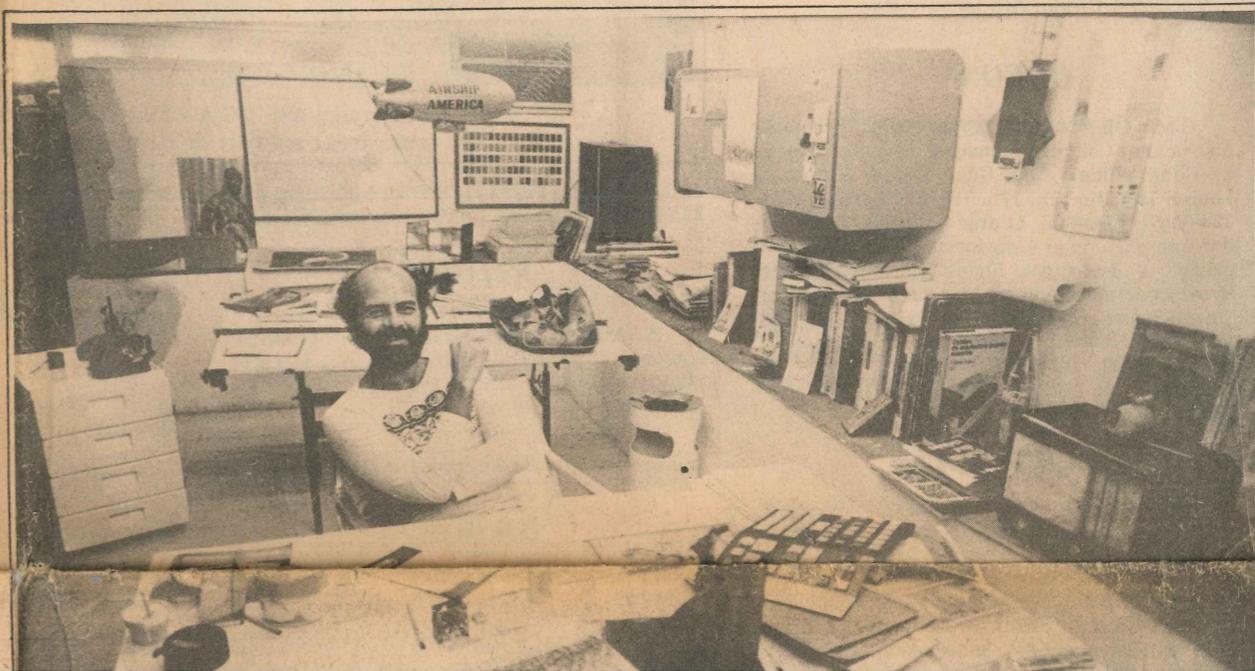
aventada como projeto imediato e próximo do seu cotidiano.

No canto da sala de visitas, junto à varanda, pendurado, um cacho de bananas maduras. Na parede, quadros das crianças.

No mapa, pontilhado de verde, as áreas de segurança para pedestres. Voltamos ao plano urbanístico.

AT — Seu plano está pronto. Seus passos agora?

CR — Após essa divulgação, virá a exposição no IAB. Claro que necessitarei do apoio do Governo, mas é imprescindível a conscientização dos habitantes, para cooperação e organização do funcionamento do plano em cidade conterá. E lá na realidade já os contém. Porém, com o zonamento, sua funcionalidade



mento do centro da Grande Vitória, um plano urbanístico para a preservação do nosso patrimônio cultural, histórico, paisagístico, artístico e arqueológico. Sobre tudo, para a humanização da nossa Zona Urbana.

Encontramos César em sua residência — uma casa planejada por ele, onde natureza e funcionalidade se aliam. Nesse ambiente descontraído, conversamos sobre seu plano, que através de mapas, muito claro nos tornou. Na conversa pudemos perceber seu interesse genuíno pela preservação do meio-ambiente, no futuro do centro de Vitória, que "não deve se tornar em outra Manhattan".

AT — Como evitar a especulação imobiliária?
CR — Deve haver descentralização do centro de Vitória, para que este mantenha suas características funcionais. Por exemplo, a Cidade Alta como núcleo cultural; a Vila Rubim, com seu Mercado, um núcleo artesanal; áreas de segurança para pedestres — pontos de encontro...

AT — Será que este plano não chega tarde?
CR — Nunca é tarde. E ele pode ser desenvolvido por etapas, inclusive, dentro do plano de zoneamento.

César Romano mostra então o mapa de zoneamento planejado por ele. O centro da cidade dividido em zonas funcionais, dentro das atividades tradicionais já existentes nas diferentes áreas. A humanização do projeto começa a partir da sistematização do movimento de veículos no centro da cidade. E ele nos lembra:

"Em Singapura já se paga pedágio para se passar pelo centro da cidade, e em Tóquio as viaturas particulares são proibidas de trafegar no centro". Seu plano admite o correr de veículos, mas através dele há um verdadeiro desfogamento do centro, através de passagem controlada de veículos de acordo com o zoneamento que prevê também desfogamento com duas terminais para ônibus: "Zona Sul — Rodoviária (final na Ilha do Príncipe) e Zona Norte — Salesiano (ou outro ponto futuramente)". O movimento de coletivos interno seria feito por "Circulares" en-

trao e pendentes.
CR — E é um plano sem fiador...
AT — Você conta com o apoio do Governo?
CR — Só agora estou mostrando este trabalho. Ainda está em primeira mão.
AT — O Instituto dos Arquitetos do Brasil — ES (IAB) este ano fará uma exposição deste trabalho para os estudantes de arquitetura.

AT — Como pode o plano ser levado a termo?
CR — Implicaria em consentimento da Prefeitura e conscientização dos moradores. As pessoas que moram e trabalham nas áreas zoneadas. Com o apoio do Governo e a constituição de grupos de trabalhos por zonas, se completaria o desenvolvimento do plano. Principalmente, o plano traria para o centro de Vitória menos carros, conseqüentemente, menos ruído, menos poluição, mais segurança.

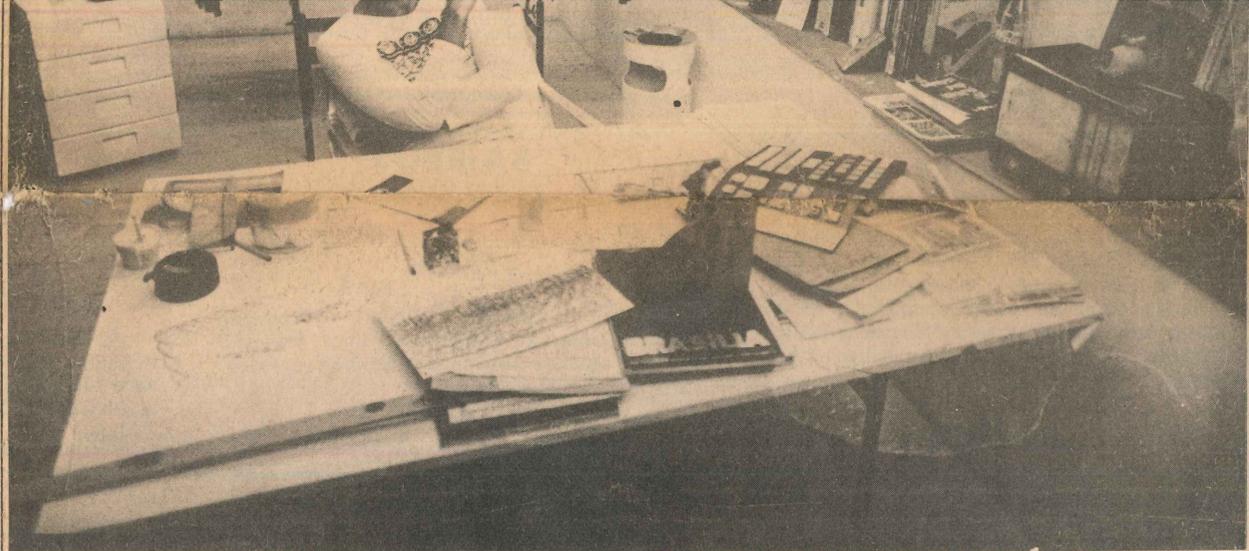
AT — Temos notado a construção de pequenos canteiros circulares, triangulares, quadrados...
CR — Acho que estas coisas devem ser bem observadas antes de serem feitas. Em muitos casos apenas atravancam as ruas. A cidade foi construída com ruas modeladas. Não planejadas. O plano agora deve ser este: zoneamento, participação cínica.

AT — E esta participação?
CR — Com o entrosamento dos moradores de cada zona, formando grupos de trabalho entrosados, é o incentivo de atividades dentro dos núcleos — feira de livros, por exemplo, na área do Parque Moscoso, muito frequentada pelos jovens; humanização. A área do Hotel Tabajará até a Praça 8, na Jerônimo Monteiro, por exemplo, fechada ao trânsito, poderia se transformar em feira de flores, uma área de segurança para pedestres. Aproveitamento da parte superior da cidade, dos morros, desde o Forte São João até a Vila Rubim, transformando-a em áreas de integração social, com grandes áreas de lazer.

Nossa conversa se anima com a participação de seus dois filhos e da esposa, Ilza. É a preocupação imediata de locais de segurança para as crianças crescerem livres, sensíveis à natureza. A preocupação de maior atividade nesse sentido através de movimentos comunitários. A idéia de um mutirão para salvar uma área inabitada perto de sua casa, onde ainda existem cajueiros naturais, foi

CR — Após essa divulgação, virá a exposição no IAB. Claro que necessitarei do apoio do Governo, mas é imprescindível a conscientização dos habitantes, para cooperação e organização do funcionamento do plano em cidade conterá. E ela na realidade já os contém. Porém, com o zoneamento, sua funcionalidade será mais precisa e sua habitação-trabalho, mais humanizado.
AT — O assunto deverá interessar um urbanista, como Arlindo Villaschi, que atualmente é um dos diretores da Fundação Jones dos Santos Neves...
CR — Conheço o Arlindo Villaschi superficialmente. Vou procurar esse contato com ele, através da Fundação.

Despedimo-nos de César Romano fascinados com a lucidez e simplicidade do seu plano. Animados com a expectativa de uma conscientização para a sua viabilidade.



O arquiteto César Romano conhece bem os problemas da cidade e está disposto a colaborar para que Vitória ofereça aos seus habitantes condições necessárias ao bom funcionamento de um centro urbano que convive com com dificuldades crônicas diretamente relacionadas com o tráfego de veículos e pedestres.

